

Dívida sobe 105 bi com dólar recorde

EXTERNA

Moeda americana fecha a R\$ 2,42, e perdas com desvalorização do real desde janeiro equivalem a seis anos de CPMF

WALDEREZ CAETANO E
GILSON LUIZ EUZÉBIO

BRASÍLIA E RIO – A desvalorização do real frente ao dólar, que já é de 24,2% desde o início do ano, deixou o Brasil mais pobre em R\$ 105,5 bilhões. Esse foi o crescimento da dívida externa brasileira, que totaliza US\$ 215,3 bilhões, somente por causa da depreciação da moeda nacional. Isso corresponde a dizer que o país perdeu o equivalente a seis anos de arrecadação da CPMF, o imposto do cheque criado para financiar os programas de saúde. Mas os prejuízos da alta do dólar – que ontem bateu o segundo recorde consecutivo e fechou cotado a R\$ 2,42 – não param por aí: a dívida interna, de R\$ 596,7 bilhões, também cresce, porque 23% dela é indexada ao câmbio e o restante sofre o impacto da alta dos juros.

Considerando apenas a variação da cotação do dólar em relação ao real, a dívida externa saltou de R\$ 421,5 bilhões para R\$ 521 bilhões.

A diferença daria para financiar por cinco anos os investimentos na área de saúde no Brasil, já que a verba da saúde para este ano é de R\$ 21,5 bilhões. O financiamento dos investimentos em estradas por 25 anos também seria possível, levando-se em conta a estimativa, feita pelo Ministério dos Transportes, da necessidade de R\$ 4 bilhões anuais para manter as rodovias em bom estado de conservação.

Perdas privadas – A maior parte da conta da desvalorização ficou com o setor privado, que viu sua dívida subir de R\$ 208,3 bilhões para R\$ 261,1 bilhões. A dívida externa do setor público saltou de R\$ 189,6 bilhões para R\$ 237,6 bilhões. Estão excluídos desses valores a dívida de curtíssimo prazo de US\$ 9,2 bilhões.

A desvalorização também tem efeito direto sobre a dívida interna do setor público e indireto sobre a do setor privado. Atualmente, 23% da dívida da União no mercado interno está atrelada à variação cam-

bial, uma bagatela de R\$ 118 bilhões. Somando dívida externa e títulos cambiais, mais de 40% da dívida pública crescem na mesma proporção da desvalorização do real, informa o consultor Raul Veloso.

Máxi – Segundo ele, a desvalorização deste ano, equivalente a uma maxidesvalorização, ainda é suportável. Em janeiro de 1999, quando

foi alterada a política cambial brasileira, muitas empresas ficaram em dificuldade. Desta vez, lembra ele, fizeram *hedge* (proteção) contra variações bruscas na taxa de câmbio.

Além de aumentar a dívida interna indexada ao câmbio, a desvalorização também traz impacto ao restante da dívida pública. É que para evitar um aumento nos preços, o

Banco Central (BC) aumenta a taxa de juros, elevando o custo do governo para rolar seus títulos no mercado interno. Também ficam mais caros financiamentos para investimentos e consumo. Nos últimos anos, a dívida interna tem crescido única e exclusivamente por causa dos juros altos. Em dezembro de 1999, a dívida do setor público estava em R\$ 516,5 bilhões e um ano depois saltou para R\$ 563,1 bilhões.

Veloso afirma que quando a desvalorização cambial é forte, o setor privado “dá um jeito de transferir o prejuízo para o governo”. Isso aconteceu em janeiro de 1999, com o socorro do BC aos bancos Marka e FonteCindam, uma operação de R\$ 1,6 bilhão até hoje sob suspeita de irregularidades.

Hedge – Ontem, a alta de 0,71% na cotação do dólar comercial foi atribuída à procura dos investidores por *hedge* (proteção) frente às incertezas externas e internas, como a frágil situação da Argentina no médio prazo e os efeitos do racionamento

na economia brasileira. Além disso, o mês de junho tem se mostrado ainda mais volátil, já que concentra vencimentos dos compromissos externos do setor privado, estimados em US\$ 4,5 bilhões.

Já a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) ignorou as quedas dos índices Dow Jones e Nasdaq, que fecharam respectivamente em baixa de 0,7% e 2,21%, e encerrou em alta de 1,51%, com expressivo volume de R\$ 1,193 bilhão. A causa foi o vencimento de contratos do Ibovespa no mercado futuro (BM&F), que movimentou as operações.

Com o dólar em alta, o preço das ações está mais barato para o investidor estrangeiro. Assim, nos dez primeiros dias de junho, a Bovespa recebeu R\$ 127 milhões de fora. Hoje, devido ao feriado de Corpus Christi, não há pregão, mas muitos investidores vão ficar atentos à divulgação do Índice de Preços ao Produtor (PPI) dos Estados Unidos.

Colaborou Luciana Brafman

O IMPACTO DO CÂMBIO

- A alta do dólar é repassada diretamente aos preços dos combustíveis, devido à política do governo em equipará-los aos preços internacionais do petróleo
- Também o reajuste das tarifas de energia elétrica e telefones, que são corrigidas pelo IGP-M, captam parte da desvalorização cambial
- Os medicamentos podem encarecer porque a indústria farmacêutica importa quase 50% de insumos para fabricação de remédios
- O pãozinho é outro item que já está mais caro, devido ao fato de quase 80% do trigo consumido no país ser importado
- Pelo mesmo motivo, o preço das massas, biscoitos e demais derivados do trigo devem ter seus preços reajustados com a desvalorização do real
- Todas as pessoas que têm dívidas em dólar passam a dever, em reais, 25% a mais